A SANTA MÃE IGREJA¹

Todo o caminho de Francisco para Deus vem impostado no seu ideal supremo de *seguir os vestígios de Cristo*. Por toda a sua vida se empenhou em seguir Cristo vivendo o Evangelho. Francisco queria, contudo, percorrer a via de Cristo seguindo o caminho da santa Mãe Igreja. Queria viver segundo *a forma do Evangelho*, mas, no mesmo tempo *segundo a forma da santa mãe Igreja Romana*. A sua vida, como também aquela dos seus frades, tornou-se um empenho na Igreja e para Igreja.

1. A Igreja no tempo de Francisco

A Igreja que Francisco conheceu era sem dúvida caracterizada por um lado da sua grandeza e fidelidade e por outro, pela situação perturbada por tantas negações e crises.

1.1 A luta para as investiduras²

A aurora do ano mil encontrou um mundo de caos. O imperador Oto I, do Sagrado Império Romano, passou a intervir nos assuntos da igreja. Ele tinha o direito de eleger, não somente os bispos, mas até o Papa. Assim, começou a luta para as investiduras. Enfim, fundou bispados e abadias, nomeou seus titulares e, em troca da proteção que concedia à igreja, controlava as ações do papa.

O senhor leigo conferia ao eclesiástico (ou com tempo também a um leigo) um feudo (uma abadia, uma Igreja, uma cidade) a função religiosa ligada ao feudo mesmo, constituindo-o bispo ou abade do feudo – prerrogativa que uma vez pertencia ao Papa. O soberano procurava também vender o feudo eclesiástico a quem oferecia o maior valor, por um simples motivo econômico; o feudo dos eclesiásticos muitas vezes não tinha nenhum direito. Naturalmente esses prelados, investidos pelo imperador visavam a interesses pessoais e do reino, dando margem à corrupção entre os membros do clero. Bispos e padres colocavam seu compromisso com o soberano acima da fidelidade ao Papa. Viviam na luxúria, interessavam-se mais das guerras que das almas, divertiam-se, possuíam mulheres e, muitas vezes concubinas, abusando dos bens da Igreja em festas ou até para fazer dotes aos filhos.

¹ L. Iriarte, *Vocazione francescana*, 73-88, temi spirituali, Milano, 1981, 139-159;211-231.

² No contexto da concessão de um feudo, ocorriam cerimônias especiais, as cerimônias de homenagem e de investidura. Através da homenagem, quem ia ser vassalo ficava dependente do suserano e jurava-lhe fidelidade num ato onde colocava as mãos sobre uma bíblia ou sobre um objeto considerado relíquia de um santo. Nesse momento ele prometia por sua honra, ser fiel e verdadeiro seguidor do senhor a quem se tornara súdito. Através da investidura, o suserano entregava o feudo ao vassalo, levando-o para a nova terra ou dando-lhe um objeto simbólico da mesma (estandarte, cetro, vara...). A partir daí, havia obrigações recíprocas entre ambos. O vassalo devia ao suserano fidelidade, a ele e a seus bens, devia prestar-lhe serviço militar, ou ceder-lhe seus homens quando necessário a nível militar. Em nível de justiça devia serviços no seu tribunal.

A investidura foi a consequência do sistema feudal, onde os prelados eram muitas vezes feudatários seculares e, por isso, vassallos (dependentes) do imperador. Assim no final do século XI, mais da metade dos bispos-Condes não eram do clero, mas leigos; muitas vezes os seus filhos ou netos tornavam-se os feudatários. A Sede Apostólica e até a eleição do Pontífice era debaixo das autoridades do imperador. Além de tudo isso, a investidura influenciou bastante para o nascimento de outros dois males: *o Nicolaismo e a Simonia*.

O *Nicolaismo*³ era a prática dos sacerdotes que se casavam ou viviam numa situação de concubinato.

A *Simonia* vem do nome de Simão, que procurou comprar os milagres de São Pedro⁴. Significa a venda de favores divinos, bênçãos, cargos eclesiásticos, prosperidade material, bens espirituais, coisas sagradas, objetos ungidos.

1.2 A Reforma Gregoriana

A Reforma Gregoriana aconteceu dentro desse contexto histórico da Igreja ‘feudal’; consiste numa série de reformas, durante o papado de Gregório VII (1073-1085).

A reforma codifica-se em dois documentos principais: o *Dictatus Papae* e a *bula Libertas Ecclesiae*. Os 27 princípios expressos no *Dictatus Papae* miravam estabelecer a mais absoluta supremacia papal e recita assim:

- I. Que a Igreja Romana foi fundada somente pelo Senhor.
- II. Que só o **Pontífice Romano** seja dito legitimamente universal.
- III. Que só ele possa depor ou repor bispos.
- IV. Que, em qualquer **concílio**, o seu legado, ainda que de grau inferior, está acima de todos os bispos, e pode contra estes pronunciar sentença de deposição.
- V. Que o Papa possa depor ausentes.
- VI. Que com os **excomungados** pelo Papa não podemos, entre outras coisas, permanecer na mesma casa.
- VII. Que só a ele é lícito, segundo necessidade temporal, ditar novas leis, formar novas comunidades, converter uma fundação em **abadia** e, reciprocamente, dividir uma **diocese** rica e reunir dioceses pobres.
- VIII. Que só ele possa levar as **insígnias** imperiais.
- IX. Que todos os príncipes devem beijar os pés do Papa.
- X. Que o seu nome deve ser recitado em toda igreja.
- XI. Que este nome é único no mundo.
- XII. Que lhe seja lícito depor os imperadores.

³ Atos 6,5. Segundo São Ireneu, a heresia do Nicolaismo, deriva de Nicolas mencionado nos **Atos 6,5**, ele era um nativo de **Antioquia**, um **proselitista** e um judeu convertido ao Cristianismo, foi escolhido para ser um dos primeiros dentre os **Sete Diáconos**. Ele foi ordenado pelos apóstolos, em cerca 33 dC. Mas, não todos os Padres da Igreja sustentam essa idéia.

⁴ Atos 8,18.

- XIII.** Que lhe seja lícito trasladar bispos de uma sede para outra, se lhe obrigar a isso a necessidade.
- XIV.** Que possa ordenar clérigos de qualquer igreja onde queira.
- XV.** Que um ordenado por ele possa presidir a outra igreja, mas não servi-la; e que o ordenado por ele não possa receber grau superior de outro bispo.
- XVI.** Que nenhum **sínodo** se chame universal se não for por ordem do Papa.
- XVII.** Que nenhum texto seja considerado como **canônico** senão sob sua autoridade.
- XVIII.** Que uma sentença sua não possa ser reformada por ninguém; ao contrário, ele pode reformar qualquer sentença emanada de outros.
- XIX.** Que não seja julgado por ninguém.
- XX.** Que ninguém possa condenar aqueles que recorreram à **Sede Apostólica**.
- XXI.** Que as causas maiores de qualquer igreja sejam encaminhadas a ele.
- XXII.** Que a Igreja Romana nunca errou e jamais errará, segundo testemunho das **Escrituras**.
- XXIII.** Que o Pontífice Romano eleito canonicamente, é indubitavelmente, pelos méritos do bem-aventurado **Pedro**, santificado segundo testemunho de **santo Enódio**, **bispo de Pavia**, confirmado por muitos **santos Padres**, como se lê nos decretos do Beato **Papa Símaco**.
- XXIV.** Que, por sua ordem e com sua permissão, seja lícito aos súditos apresentar acusações.
- XXV.** Que possa depor e recolocar bispos sem convocar um sínodo.
- XXVI.** Que ninguém seja chamado católico se não concordar com a Igreja Romana.
- XXVII.** Que ele possa eximir os súditos da obrigação de fidelidade aos príncipes iníquos.

1.3 Papa Inocência III

Outra grande figura que conduziu a Igreja um século depois, foi o Papa Inocência III, ao qual Francisco se dirigiu pedindo a aprovação da Regra. Nascido em Perugia no ano 1160; recebeu uma educação boa da época, estudou em Roma, Paris e Bologna. Considerado um intelectual, foi um dos grandes advogados do seu tempo. Foi eleito cardeal diácono no ano 1190, no tempo do Papa Celestino III e depois oito anos em 1198 foi eleito Papa a só 38 anos de idade.

O trono imperial era vacante com a morte de Enrique VI no ano 1197, como não tinha ainda nenhum sucessor, o Papa aproveitou a ausência do imperador para repriminar o poder papal em Roma e recuperou os territórios da Igreja em toda a Itália, aproveitando dessa vez da fragilidade do imperador Federico II, que na época tinha somente 4 anos de idade. Inocência III declarou claramente aos imperadores, reafirmando e fortificando as exigências do Papa Gregório VII: pertencia ao Papa o direito de decidir se um rei fosse digno ou não para a coroa imperial; no caso da dupla eleição os príncipes eleitores deveriam pedir ao Papa de arbitrar o pronunciamento a favor de um dos pretendentes. Inocência III enviou a Roma, Oto IV pra dar-lhe a coroa imperial no dia 4 de outubro de 1209. Antes da coroação, Oto IV prometeu ao Papa deixar ao possesso da Igreja, Espoleto e Ancona, e garantir a liberdade das eleições

eclesiásticas. Mas, logo depois da coroação Oto retomou Espoleto e Ancona e outras propriedades da Igreja entregando-as aos vassallos. No ano 1210 o papa excomungou-o.

Outra atividade principal de Inocêncio III foram as Cruzadas. O Papa organizou a 4ª Cruzada, convidou os príncipes e nobres que não tinham compromisso com o imperador, para combater contra os heréticos e aplicar a Inquisição para eles.

No ano 1215 convocou o IV Concílio Lateranense (*o 12º Concílio ecumênico*) que decidiu uma Cruzada geral em Terra Santa (a 5ª Cruzada) e do mesmo Concílio emanou 70 decretos da reforma. Inocêncio morreu em Perugia.

1.4 Os grupos de contestação

Com a Reforma Gregoriana do século XI a Igreja conquistou certa liberdade e respeito moral. Nesse período nasceram alguns movimentos evangélicos leigos, muitas vezes nas margens da Igreja. Doutro lado, a Igreja era perturbada pelas contestações e crises. Infelizmente as reformas eram ligadas às estruturas econômicas feudais e o clero era muitas vezes ignorante, preguiçoso e de baixa qualidade moral. Contra a tal situação se revoltavam alguns grupos, sobretudo os leigos. Eram os grupos dos Humilhados, dos Cátaros e dos Valdenses, através dos quais a Igreja foi criticada. Diziam que somente os pobres, que viviam sem propriedade e praticavam a pregação itinerante, constituía a verdadeira Igreja, os outros, sobretudo os sacerdotes, que não viviam na pobreza não eram respeitados nem reconhecidos.

O movimento franciscano nasce no clima dos movimentos reformados. Em alguns pontos se assemelhava a esses movimentos: pobreza radical, vida itinerante, pregação leiga. A novidade franciscana estava no fato de que, ele não nasceu como uma reação contra a Igreja, mas como exigência espiritual radical do Evangelho e se colocou espontaneamente na comunhão com a Igreja.

2. Vocação eclesial de Francisco

No início de sua conversão, encontramos um episódio que incisou profundamente toda sua vida: um dia enquanto rezava na igreja de São Damião, ouviu o Cristo que lhe falava: *Francisco, vai e repara a minha casa, que como vê está em ruína*⁵. Assim, nasceu a vocação eclesial de Francisco, ao qual vem confiada por Deus a tarefa de restaurar a sua Igreja. As Fontes narram unanimemente que o Santo pegou essas palavras inicialmente ao pé da letra, e começou a restaurar aquelas igrejas ao redor da cidade de Assis.

Por fim voltou a si e tratou de pôr em execução a ordem recebida. Concentrou todas as forças na restauração daquela igreja material. Mas a igreja a que a visão se referia era aquela que "Cristo resgatara com o próprio

⁵ 2C 10.

sangue" (At 20,28). O Espírito Santo mais tarde lho revelou e ele o ensinou a seus irmãos⁶.

Consciente de sua vocação na Igreja e para a Igreja, Francisco quis cumprir a sua missão na comunhão com a Igreja. Por isso quando o Senhor lhe doou Irmãos, Francisco lhes disse:

Vejo, irmãos, que Deus, por sua misericórdia, quer que nossa irmandade cresça. Vamos, pois, à nossa Mãe a Santa Igreja Romana, notifiquemos ao Sumo Pontífice o que o Senhor começou a fazer por nosso intermédio, a fim de que, conforme a sua vontade e ordem, continuemos naquilo que começamos⁷.

Não era somente uma autorização o que o Santo ia pedir ao senhor Papa; ele quis ser enviado pela Igreja como os Apóstolos foram enviados por Jesus. Durante esse primeiro encontro com o Papa, Francisco lhe prometeu a obediência. Segundo o LTC, depois de ter recebido a aprovação da Regra e a missão de pregar a penitência, Francisco:

Deu graças a Deus e, de joelhos, prometeu ao Senhor Papa obediência e reverência, humilde e devotamente. Os outros irmãos, conforme o preceito do Senhor Papa, prometeram da mesma forma obediência e reverência ao bem-aventurado Francisco⁸

Essa atitude de Francisco e dos primeiros frades encontra-se meditada na Regra:

Frei Francisco promete obediência e reverência ao senhor papa Honório e a seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana. E os outros frades estejam obrigados a obedecer a Frei Francisco e a seus sucessores⁹.

Desse modo, também em nome dos sucessores do papa Honório, Francisco se faz súdito ao Papa e à Igreja e, se declara pronto para obedecer a todas as disposições do Papa e da Igreja Romana. Era pela primeira vez na história da Igreja, que o fundador de uma Ordem unia assim estreitamente ele mesmo ao Papa e aos seus sucessores, submetendo-se assim plenamente a Igreja.

3. Acolhida da parte da Igreja

Essa submissão da parte de Francisco encontrou a resposta na acolhida aberta da parte da Igreja. Desde o início de sua conversão Francisco encontrou o apoio da Igreja. No momento decisivo da renúncia dos bens ao patrimônio, Francisco se submete ao juízo do bispo, o qual descobre em Francisco um homem de Deus e, vendo-o despido, o cobre com seu manto¹⁰. Um gesto que se tornou simbólico. Na pessoa do bispo de Assis é representada a Igreja que toma sob a sua proteção Francisco com o seu carisma.

Os estudos recentes reconfirmam a acolhida benévola da parte de Inocêncio III; um pontífice de ampla visão e sentido histórico seguiu de perto os movimentos

⁶ 1B 2,1.

⁷ LTC 46.

⁸ LTC 52.

⁹ RB 1; RNB pref. 4-5.

¹⁰ 1B 2, 4.

evangélicos da Igreja que surgiam nas diversas partes; quis canalizá-los na Igreja para seu benefício. No jovem Francisco, simples, humilde, mas conduzido por Deus, que espontaneamente acolhia a autoridade da Igreja, descobriu o homem providencial e lhe deu plena confiança. Inocêncio III permaneceu fiel a sua atitude acolhedora e confiante por Francisco. Celano diz que o Papa: *amou sempre o servo de Cristo com particular benevolência*¹¹. Ele defendeu Francisco contra a oposição dos bispos no Concílio Lateranense IV (1215). O seu sucessor Honório III seguiu a mesma linha, apoiando Francisco nos diversos escritos enviados para os bispos e com a aprovação da Regra. As duas primeiras bulas de Honório III¹² dadas aos Frades Menores, são como o passaporte da sua perfeita adesão católica, defendendo-os do suspeito da heresia.

Uma grande ajuda que Francisco recebeu da parte da Igreja foi na pessoa de cardeal João de São Paulo, bispo de Sabina, o qual recomendou Francisco ao Papa e defendeu o seu carisma evangélico¹³.

Já destas poucas indicações resulta que, não pode falar de um conflito de Francisco com a Igreja. Aliás, desde o início, podemos perceber que, existiu um mutuo e afetuoso acordo, que não partia somente da parte de Francisco para com a Igreja e com seus chefes, mas também vice versa. A Cúria Romana, à qual Francisco era unido na fidelidade e na obediência, ajudou a Francisco e a sua Ordem nos momentos difíceis, como também nos casos de oposição da parte dos singulares bispos.

4. Seguir os vestígios da santa Mãe Igreja

Nota-se que, quando Francisco falava da Igreja gostava chamá-la Santa Mãe Igreja Romana¹⁴, ele preferia usar imagens de amor primoroso e materno da Igreja para com seus filhos¹⁵. Ele quis seguir os vestígios da santa Mãe Igreja.

A primeira expressão concreta do seguimento dos vestígios da Igreja Romana é aceitação plena da verdade, da doutrina ensinada e transmitida pela Igreja. Na RNB Francisco escreve:

*Todos os Irmãos sejam católicos, e vivam e falem como católicos. Se porém um deles, por palavras ou por atos, se afastar da fé e da vida católica e não se quiser emendar, seja definitivamente expulso da nossa fraternidade*¹⁶.

Vem requerida, por isso, da parte de todos os frades uma fé pura, católica, seja nas palavras que na vida. A falta desta fidelidade rende impossível o pertencer à fraternidade e à Ordem.

¹¹ 2C 17.

¹² As duas bulas são: Cum dilecti (1218) e Pro dilectis (1220), Refr. FF 2707-2710.

¹³ LTC 48: Dirigiu-se pois o referido cardeal à Cúria e disse ao Senhor Papa Inocêncio III: "Encontrei um homem perfeitíssimo que pretende viver segundo a forma do santo Evangelho e observar em tudo a perfeição evangélica. Creio que por meio dele Deus quer restaurar a fé no mundo inteiro, a fé da Santa Igreja". Ouvindo isto, o Senhor Papa ficou muito admirado e mandou ao cardeal que lhe trouxesse o bem-aventurado Francisco.

¹⁴ LTC 46.

¹⁵ 2C 24 e180.

¹⁶ RNB 19,1-2.

Em seguida no capítulo 19 e 20 da RNB Francisco especificam algumas verdades fundamentais da crer, aquelas que eram mais contestadas pelos movimentos heréticos: o respeito para com todos os clérigos e religiosos por motivo da sua consagração e, o conceito católico do sacramento da penitencia e da Eucaristia¹⁷.

Francisco exprime a mesma preocupação na RB falando quais **disposições precisam para os candidatos para abraçar essa vida:**

*Mas os ministros examinem-nos diligentemente sobre a fé católica e os sacramentos da Igreja. E se crerem em todas essas coisas e as quiserem confessar fielmente e observar firmemente até o fim*¹⁸

Nessa época os Cátaros e, pela influência deles, também os Valdenses, negavam a hierarquia e os sacramentos. Por isso a adesão aos sacramentos da Igreja estabelecia a veracidade dos católicos. Os ministros deveriam aceitar somente aqueles que crêem nestas coisas e eram prontos para confessar com fidelidade e decisão, e observá-las até a morte.

Outra forma de expressar a obediência à Igreja era: respeitar suas normas a respeito do **Ofício divino**, a celebração da Santa Missa, a conservação da eucaristia, a pregação e a administração da fraternidade. Em todos esses casos se fala de agir segundo a forma da Santa Igreja Romana.

A respeito do Ofício a Regra diz:

*Os clérigos rezem o ofício divino segundo a ordenação da Igreja Romana, exceto o saltério*¹⁹.

Os Cátaros negavam o Antigo Testamento, com isso também a recita do Ofício. Francisco sublinha a importância desses Ofício como sinal do catolicismo. No Testamento ele diz:

*E se acaso houver quem não reze o ofício segundo o preceito da Regra e introduzir um modo diferente ou não seja católico, todos os irmãos, onde quer que estiverem e acharem um deles, são obrigados sob obediência a levá-lo ao custódio mais próximo do lugar onde o tiverem encontrado*²⁰.

Francisco na carta a Ordem fala severamente:

*E àqueles irmãos que não queiram observar estas coisas, não os tenho por católicos nem por meus irmãos; e não os quero ver nem falar-lhes, até que façam penitência*²¹.

Dizendo, celebrar o Ofício segundo a santa Igreja Romana, Francisco queria dizer também ter um “*ordo próprio*” que se estava formando em muitas Ordens religiosas. Francisco aceitou a recita do Ofício papal, unindo assim à santa Igreja Romana.

¹⁷ RNB 19-20.

¹⁸ RB 2, 3-4.

¹⁹ RB 3,1.

²⁰ T 31.

²¹ CO 6.

Também a Missa deveria ser celebrada segundo a forma da santa Igreja, Francisco dizia para celebrar uma só Missa por dia e por um só sacerdote. Os outros eram convidados a renunciar à celebração aceitando a participação da única Missa. Era a sua proposta diante dos abusos verificados entre os sacerdotes que não raramente celebravam até oito Missas por dia em vista da entrada econômica!

*... quando quiserem celebrar missa, puros e com pureza e respeito celebrem o verdadeiro sacrifício do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, com santa e pura intenção, e não por qualquer motivo terreno, nem por temor ou consideração de qualquer pessoa, como para agradar aos homens...*²².

A respeito da conservação do Santíssimo Sacramento deveriam respeitar as normas da Santa Igreja:

*E se em alguma parte o corpo do Senhor estiver sendo conservado muito pobremente, reponham-no em lugar ricamente adornado e ali o guardem cuidadosamente encerrado segundo as determinações da Igreja, levem-no sempre com grande respeito e ministrem-no com muita discrição*²³.

Precisamos lembrar do grande empenho que Francisco fez organizando a campanha para fazer respeitar as prescrições da Igreja, a respeito do culto eucarístico estabelecido no ano 1219 por Honório III. A esse motivo Francisco dedica as suas Cartas e Admoestações.

A RNB diz que os frades não somente devem ser aceitos segundo as prescrições Santa Mãe Igreja como também pregar o Evangelho:

*Nenhum dos irmãos pregue contra a forma e a doutrina da santa Igreja nem sem a permissão de seu ministro*²⁴.

*E ninguém seja admitido contra a forma e as prescrições da santa Igreja*²⁵.

Quando Francisco viu que sozinho não podia mais conduzir e proteger a ordem, a Ordem se era muito evoluída, ele a entregou à Cúria romana²⁶. Quis para a Ordem um Cardeal protetor da Igreja romana:

*Para isso imponho por obediência aos ministros que peçam ao senhor papa um dos cardeais da santa Igreja Romana que seja governador, protetor e corretor desta fraternidade, para que sempre súditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, estáveis na fé (cfr. 1Col 1,23) católica, observemos a pobreza e humildade e o santo evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que prometemos firmemente*²⁷.

²² CO 3.

²³ CC 4.

²⁴ RNB 17,1.

²⁵ RNB 2, 12.

²⁶ 2C 24-25.

²⁷ RB 12,3-4.

Essa decisão revela, ainda outra vez, a convicção de Francisco que a obediência e a adesão à Santa Mãe Igreja podem assegurar à fraternidade a observância perfeita do Evangelho.

5. Viver para a Igreja

A vocação de Francisco não era somente *na Igreja*, mas, também *para a Igreja*. A missão recebida no início em São Damiano e depois em Roma da Inocência III, Francisco a acolheu com toda a sua disponibilidade e aquela dos seus frades. Dizia de fato aos seus frades: *Consideremos, irmãos caríssimos, a nossa vocação, para a qual Deus nos chamou com misericórdia, não só para a nossa salvação, mas para a salvação de muitos, a fim de que andemos pelo mundo, exortando a todos, mais com o exemplo que com a palavra, a fazer penitência de seus pecados e guardar na memória os mandamentos de Deus*²⁸.

Francisco mesmo, como diz o Celano, *tinha enchido a terra inteira com o Evangelho de Cristo: num só dia chegava a passar por quatro ou cinco povoados, ou mesmo cidades, anunciando a todos o Reino de Deus, e edificando os ouvintes tanto pela palavra como pelo exemplo, pois toda a sua pessoa era uma língua que pregava*²⁹. Ele dava mais importância ao testemunho de vida e ao exemplo da Palavra³⁰.

Segundo Francisco a tarefa do Frade Menor é aquela de se tornar as **mães de Cristo**:

*Somos suas mães, se com amor e consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e nosso seio e o damos à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros*³¹

O Frade Menor por isso é chamado a **gerar Cristo** nas almas dedicando-se à sua salvação:

*Dizia que não havia coisa mais importante que a salvação das almas e o provava com frequência ainda maior lembrando que o Unigênito de Deus dignou-se ser crucificado pelas almas. Daí seu esforço na oração, sua pregação constante e seu excesso nos exemplos que dava*³².

Uma forma concreta de servir a Igreja era constituída na **pregação** que os frades fazia segundo o mandato do Santo Padre. Note-se que todas as regras contém um capítulo especial dedicado ao ofício da pregação, mostrando assim a importância dessa forma de serviço à Igreja³³. O conteúdo da pregação deveria ser o simples convite a

²⁸ LTC 36.CO.

²⁹ 1C 97.

³⁰ RNB 17,4: Suplico por isso na caridade “que é o próprio Deus”, a todos os meus irmãos que pregam, oram ou trabalham, sejam clérigos ou leigos, que tratem de se humilhar em tudo, nem se desvançam, nem sejam presunçosos, nem se envaideçam interiormente de belas palavras ou obras, enfim de nada do que Deus às vezes diz, faz e opera neles e por eles,...; 1C 151; 2C 163.

³¹ 1CF 9,52.

³² 2C 172.

³³ RNB 17; RB 9.

penitência, uma admoestação³⁴. O mesmo serviço à Igreja requer do frade ir para as missões levando à boa notícia aos infiéis³⁵.

Com a sua obediência e com a sua pregação os Frades Menores tornaram-se os defensores da Igreja. Durante a luta entre Gregório IX e Federico II os Menores deram o testemunho de vida como confirma a Crônica de Jordão de Jano:

Naquele tempo, os frades sofreram muitos vexames por parte de Frederico, que por sentença fora deposto do império no concílio de Lion; e muitos foram expulsos de seus lugares em muitas províncias com grande confusão. Muitos foram presos, alguns também mortos, pelo fato de perseverarem virilmente obedientes aos mandamentos da Igreja, como filhos obedientes à piedosa mãe, o que, além dos frades menores, nenhum outro religioso fez³⁶.

6. Francisco e a hierarquia eclesiástica:

Para Francisco a Igreja não se identifica com a hierarquia, mas, abraça a todos aqueles que servem o Senhor Deus na Santa Igreja Católica e Apostólica:

E a todos aqueles que querem servir ao Senhor na santa Igreja Católica e apostólica; a todas as ordens eclesiásticas, aos presbíteros, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores,ostiários e demais clérigos, todos os religiosos e todas as religiosas, todos os jovens e crianças, os pobres e necessitados, os reis e príncipes, os operários, lavradores, servos e senhores todas as virgens, as solteiras e as casadas, os leigos, homens e mulheres, todas as crianças, os adolescentes, os jovens e os anciãos, os sãos e os enfermos, os pequenos e os grandes, e todos os povos, gentes, tribos e línguas, todas as nações e todos os homens em toda a face da terra, que existem e existirão, humildemente rogamos e suplicamos nós todos, os frades menores, nós servos inúteis (Lc 17,10), que perseveremos todos na verdadeira fé e penitência, porque de outra forma ninguém poderá salvar-se³⁷.

A universalidade da Igreja aparece também nas várias Cartas de Francisco: à toda a Ordem, aos sacerdotes da Igreja, à todos os fieis, aos governantes dos povos etc.

Vamos agora ver de perto o seu relacionamento com a hierarquia da Igreja.

6.1 O Papa

Já vimos sobre algumas relações de Francisco com o Papa. São duas as atitudes que ele teve para com o Papa: de um lado, ele vem considerado na sua dignidade altíssima, mas, doutro lado, se nota um comportamento de uma intimidade que é de um

³⁴ ICC 6: E em todas as pregações que fizerdes, exortai o povo à penitência e dizei-lhe que ninguém poder salvar-se se não receber o santíssimo corpo e sangue do Senhor.

³⁵ RNB 16; RB 12.

³⁶ CJJ 73.

³⁷ RNB 23, 16.

filho para com seu pai. O Papa é o Romano Pontífice, *o maior de todos os bispos, guia dos cristãos, senhor do mundo, pastor da Igreja, ungido do Senhor e Vigário de Cristo*³⁸; porém, no mesmo tempo Francisco se dirige a Honório III como a um servo humilde:

*Senhor, compadeço-me de vós pela solicitude e trabalho contínuo com que deveis velar sobre a Igreja de Deus, e muito me envergonho que tenhais tanta preocupação e solicitude por nós, irmãos menores. De fato, enquanto muitos nobres e ricos e muitos religiosos não podem chegar a vós, grande deve ser o nosso receio e escrúpulo, pois que somos os mais pobres e desprezíveis entre todos os religiosos, já não digo por comparecer perante vós, mas por estar à vossa porta e ter a presunção de bater ao tabernáculo da fortaleza dos cristãos*³⁹.

1.2 Os bispos

O nome de “pai”, que Francisco usa quando fala do Papa, usará o mesmo para os bispos. Ele quer sempre e em toda a parte a plena dependência da autoridade episcopal. O exemplo de tal comportamento, Francisco mesmo nos dá no início de sua conversão. Na situação difícil com o próprio pai não recorre à justiça civil, mas se confia à proteção do bispo de Assis. Da parte sua, *o venerado bispo de Assis, Guido, estimava muito São Francisco e todos os seus irmãos, e os venerava com particular afeto. [...] Gostava muito de ter esses homens de valor em sua diocese e esperava muito de sua vida e de seus bons costumes*⁴⁰. Era costume dele, fazer visita amigável a Francisco⁴¹.

Francisco sempre quis respeitar a vontade dos bispos:

*Era costume de Francisco visitar os bispos e padres logo que chegava a alguma cidade ou região, quando soube da presença de um bispo tão importante, apresentou-se com a maior reverência*⁴².

Não queria que os frades predicassem em algum lugar sem permissão do bispo: *Os frades não puguem na diocese de um bispo quando lhes for proibido por ele*⁴³. A propósito da pregação com a permissão do bispo temos uma belíssima narração:

Certa vez, chegando São Francisco a Ímola, cidade da Romanha, apresentou-se ao bispo do lugar, para pedir licença de pregar. O bispo disse: “Irmão, eu mesmo prego a meu povo, e é o quanto basta”. São Francisco curvou a cabeça humildemente e saiu. Mas voltou para dentro uma hora depois. O bispo perguntou: “Que desejas, irmão? Que queres, outra vez?” Disse o bem-aventurado Francisco: “Senhor, se um pai põe um filho para fora por uma porta, ele tem que entrar pela outra”. Vencido por essa

³⁸ 1C 121.

³⁹ LTC 65.

⁴⁰ 1C 32.

⁴¹ 2C 100; CAs 54.

⁴² 1C 75.

⁴³ RB 9,2.

humildade, o bispo o abraçou com rosto alegre e disse: “Tu e todos os teus frades podeis pregar de agora em diante em minha diocese com uma licença geral de minha parte. Isso foi conseguido pela tua santa humildade”⁴⁴.

1.3 Os sacerdotes

Francisco queria que os frades conservassem um relacionamento respeitoso com todo o clero. Recomendava antes de tudo a paz e a concórdia. Dizia:

O Senhor nos chamou para ajudar a sua fé e a dos prelados e clérigos da santa mãe igreja; por isso, quanto pudermos, temos que amá-los sempre, honrá-los e venerá-los⁴⁵.

Essa vontade de viver na paz com o clero, Francisco insistiu até ao fim de sua vida como podemos ver no seu Testamento:

O Senhor nos chamou para ajudar a sua fé e a dos prelados e clérigos da santa mãe igreja; por isso, quanto pudermos, temos que amá-los sempre, honrá-los e venerá-los⁴⁶.

O respeito e a reverência de Francisco queriam mostrar a todos os sacerdotes, também aqueles pecadores, que bastava viver segundo a norma da Igreja Católica:

Consideremos todos os clérigos e todos os religiosos como nossos senhores, no que concerne à salvação da alma e não se opuser à nossa Ordem, e respeitemos no Senhor a sua ordenação, ofício e ministério⁴⁷.

Aquele respeito para com os sacerdotes Francisco expressava com gestos externos. O Celano diz que o santo repetia frequentemente:

Se e acontecesse de encontrar ao mesmo tempo um santo vindo do céu e um sacerdote pobrezinho, prestaria honra primeiro ao presbítero, e me apressaria a beijar as suas mãos. Até diria: ‘Oi! Espera, São Lourenço, porque as mãos deste homem tocam a Palavra da vida e têm algo de sobre-humano⁴⁸’.

Já desses textos podemos ver as motivações pelas quais Francisco tinha tanta devoção para com os sacerdotes. O primeiro motivo é aquele que os sacerdotes são ministros da Eucaristia:

E procedo assim porque do mesmo altíssimo Filho de Deus nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo corpo e sangue, que eles consagram e somente eles administram aos outros⁴⁹.

⁴⁴ 2C 147.

⁴⁵ CAs 58.

⁴⁶ T 5.

⁴⁷ RNB 304.

⁴⁸ 2C 201.

⁴⁹ T 10.

Queria por tanto que fossem honrados em maneira particular os sacerdotes, que *administram os sacramentos assim veneráveis e sublimes*⁵⁰. Outro motivo que movia Francisco a dar bastante estima para os sacerdotes é o seu ministério à Palavra:

*E estejamos todos firmemente convencidos de que ninguém pode salvar-se a não ser pelas santas palavras e pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os clérigos proferem, anunciam essas palavras e ministram o sacramento. Só eles estão autorizados a exercer esse ministério, mais ninguém*⁵¹.

Um ulterior motivo ainda que inspirou Francisco a venerar os sacerdotes é o fato deles administrarem o sacramento da penitência⁵². A dignidade do sacerdote deve ser respeitada ainda que a vida do sacerdote não seja exemplar.

*Mas ai daqueles que os desprezam! Pois nem que eles sejam pecadores, ninguém os deve julgar porque o Senhor mesmo reservou para si o direito de julgá-los*⁵³.

No Testamento Francisco repete ainda outra vez a sua vontade de respeitar e honrar os sacerdotes, ainda que sejam pecadores:

*E hei de respeitar, amar e honrar a eles e a todos os outros como a meus senhores. Nem quero olhar para o pecado deles porque neles reconheço o Filho de Deus e eles são os meus senhores*⁵⁴.

Além desse seu comportamento respeitoso para com os sacerdotes Francisco procurava ajudá-los de várias formas. Ajudou materialmente o pobre sacerdote de São Damião⁵⁵. Fazia a limpeza das Igrejas abandonadas⁵⁶; convidava os sacerdotes para viver em modo digno da sua vocação, exaltando a dignidade do sacerdócio⁵⁷; admoestava os sacerdotes, para o respeito à Eucaristia e os solicitava para a cura das almas⁵⁸. Enfim, defendia a honra do sacerdote contra os desrespeitos de um **patarino**⁵⁹

Ir. Danila Cristina Silva Freitas

⁵⁰ LTC 57.

⁵¹ 2CF 34-35.

⁵² RNB 20,1-6; 2CF 53; 2B 18-19.

⁵³ Ad 26,2.

⁵⁴ T 8-9.

⁵⁵ 2C 14; LTC 22.

⁵⁶ CAs 60.

⁵⁷ CO 15-17.

⁵⁸ CAs 60.

⁵⁹ FF 2253. (Test. Stefano di Borbone).